

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

Fotografia, jornalismo e produção de imagens: retratos do Quilombo de Santana - RJ

Bianca Rosa¹; 0000-0002-7558-4958
Stella Arantes Aragão¹; 0000-0002-2525-4440

1 – UniFOA, Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda, RJ.
aragaostella@gmail.com

Resumo: O presente artigo integra parte inicial da pesquisa de iniciação científica do curso de Jornalismo do Centro Universitário de Volta Redonda (UniFOA), orientado pela Professora Stella Aragão. A pesquisa encontra seu respaldo e justificativa na importância de retratar imagens que configuram traços culturais de grande importância para os aspectos culturais da sociedade brasileira, caso que explicita a escolha pela comunidade tradicional do Quilombo de Santana, em Quatis - RJ. A junção entre a teoria sociológica e o reconhecimento de movimentos sociais como importantes atores da comunicação social (ainda que não de forma tradicional ou amplamente veiculada), é justificativa essencial do presente projeto de iniciação científica, já que ele se dá no encontro e na interseção entre prática e teoria jornalística, perpassando as questões históricas, culturais e simbólicas da formação social brasileira. Retratar a comunidade quilombola de Santana, tanto em foto como em texto, propondo uma outra narrativa de notícia, é uma perspectiva que enseja uma parte metodológica inicial focado na pesquisa bibliográfica sobre alguns dos aspectos que circundam a questão quilombola em nosso país. Assim, temos como objetivos específicos: a) investigar a interseção entre a prática e a teoria jornalística a partir do uso dos conceitos sociológicos em contraposição com a teoria marxista do jornalismo; b) realizar pesquisa bibliográfica que inclua noções críticas da práxis jornalística e fotojornalística (Susan Sontag e Adelmo Genro Filho); c) criar parâmetros de referência para os registros fotográficos e a produção textual jornalística sobre a comunidade quilombola. Como resultado parcial da pesquisa, criamos os parâmetros teóricos que balizarão a criação das imagens dos indivíduos quilombolas, a partir da compreensão do jornalismo e da produção imagética para além do seu conteúdo especificamente mercadológico.

Palavras-chave: Quilombo. Fotografia. Cultura.

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

INTRODUÇÃO

As questões teóricas que envolvem a análise de comunidades tradicionais requerem uma atenção especial para a compreensão de suas identidades e necessidades. No caso específico do Quilombo de Santana, que está em busca da titulação das terras e já possui uma ampla trajetória de embates judiciais, são foram produzidas pesquisas sobre a sua geografia, sua história e, também, sobre esse mesmo percurso judicial que levou o território a ter uma história tão emblemática na luta pela terra no Estado do Rio de Janeiro, como o debate sobre a constitucionalidade da Lei 4.087 de 2003. Aqui, especificamente, iremos tratar sobre a identidade da comunidade a partir de um olhar sociológico por meio da produção de imagens.

Assim, a identidade cultural e sua afirmação é, antes de tudo, um caminho que se perfaz para o resgate de tudo aquilo que diz respeito à cultura brasileira, suas especificidades, e os símbolos culturais que foram, ou tentaram ser, apagados pelo processo de construção social e formação do Brasil que conhecemos. De tudo que conhecemos, seja pelas correntes teóricas ou pela história contada, recuperar a significância da construção desses espaços e comunidades é, sobretudo, uma tarefa que se faz coletivamente. Por isso, entendemos, aqui, que a produção de imagens deve partir por meio do entendimento de algumas questões essenciais à pesquisa, são elas: a) a forma de retratar a partir daquilo que a própria comunidade entende como significativo; b) o entendimento da fotografia a partir de uma perspectiva sociológica do que entende-se como comunicação imagética; c) o percurso epistemológico para a compreensão do quilombo como espaço de resistência.

Agora, voltando à ideia que alinha identidade do indivíduo com a terra, constata-se que ela se funda nos conceitos jurídicos civilistas que entrelaçam o parentesco e o território “na medida em que os indivíduos estão estruturalmente localizados a partir de sua pertença a grupos familiares que se relacionam a lugares dentro de um território maior” (SCHIMITT; TURATTI; CARVALHO, 2002, p. 4). Este é o cenário da comunidade quilombola, que se constitui não só nos elementos culturais – já que, remontando à escravização dos corpos, quase nunca as alianças entre os negros escravizados eram formadas por identificação cultural, mas por necessidade de

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

sobrevivência – mas pela união para conseguir a titulação das terras e o usufruto do que essa puder lhes oferecer.

A ideia central do presente trabalho está no resgate de elementos culturais, essenciais à comunidade, não pela via jurídica, mas pela aplicação técnica de conceitos da teoria crítica do jornalismo e da produção de imagens.

MÉTODOS

O projeto se utilizará de pesquisa bibliográfica e exame de literatura para compreensão dos conceitos sociológicos e sua correta aplicação na compreensão da realidade. Seguindo o percurso teórico-metodológico fundamentado na revisão bibliográfica preliminar, analisaremos os conceitos da teoria marxista do jornalismo, de Adelmo Genro Filho, e as noções crítica da produção de fotografias, de Susan Sontag. Nessa fase inicial, de revisão bibliográfica, será necessário estabelecer as diretrizes conceituais que, posteriormente, direcionarão a produção das imagens que serão feitas da comunidade quilombola de Santana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa é fruto de um Projeto de Iniciação Científica submetido no final do ano de 2021 e desenvolvido a partir do ano de 2022. Os resultados aqui projetados são essencialmente aqueles que fizeram parte de uma pesquisa bibliográfica inicial, ou seja, a partir da leitura de algumas obras para cumprir com os objetivos da produção das imagens.

Assim, primeiramente, é importante apresentar a comunidade quilombola de Santana, que fica no município de Quatis, no Estado do Rio de Janeiro. Essa apresentação também auxilia a compreender questões sociais da construção da coletividade do quilombo de Santana.

Partindo para uma análise mais técnica da questão jurídica, temos como instrumento legal mais utilizado para o mérito da titulação das terras a Lei 4.887 de 2003, que traz em seu artigo 1º a prescrição seguinte:

Artigo 1º. Os procedimentos administrativos para a identificação, o reconhecimento, a delimitação, a demarcação e a titulação da propriedade

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

definitiva das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, serão procedidos de acordo com o estabelecido neste Decreto (BRASIL, 2003).

O Decreto traz os balizamentos necessários para a aplicabilidade das titulações de terras de comunidades remanescentes de quilombos, consubstanciado na competência atribuída ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) para o reconhecimento dessas comunidades, que, primeiramente, se determinam pelo critério da autodefinição delas mesmas. Por isso, é necessário compreender o próprio significado de quilombo. Como nos ensina Munanga:

O quilombo é seguramente uma palavra originária dos povos de línguas bantu (kilombo, aportuguesado: quilombo). Sua presença e seu significado no Brasil têm a ver com alguns ramos desses povos bantu cujos membros foram trazidos e escravizados nesta terra. Trata-se dos grupos lunda, ovimbundu, mbundu, kongo, imbangala, etc., cujos territórios se dividem entre Angola e Zaire (1996, p. 58).

Como explicitou Munanga, a complexidade da conceituação e delimitação física em palavras daquilo que se pode compreender como quilombo, trazemos também a ideia de que “é uma história de conflitos pelo poder, de cisão dos grupos, de migrações em busca de novos territórios e de alianças políticas entre grupos alheios” (1996, p. 58). Essas peculiaridades na forma de descrição do conceito são oriundas do próprio processo de formação histórica desses espaços enquanto ferramentas de produção de sobrevivência e resistência de povos que sofreram com a imigração forçada do maior contingente populacional já existente na história do mundo.

Agora, partimos para as noções teóricas sobre a produção de imagens, que será realizada a partir do texto de Susan Sontag (2004), que configura parte inicial da pesquisa de iniciação científica, que antecede a própria produção das imagens. Assim, a fotografia vista pelos olhos de pessoas a qual estejam dispostas a enxergar a veracidade do mundo real ao invés do ilusório, verá a importância de ser retratada por todos. Esta produção imagética por meio de fotografias, no decorrer do tempo, pode ser editada de acordo com o que a pessoa queira e procure, porém quando se fotografa algo você irá transmitir e passar adiante o que seus olhos enxergaram para ter a sensibilidade de captar aquele momento cujo você será responsável, podendo ser guardado em livros, exposta em lugares e podendo tocar as pessoas e muitas

Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares



sendo importante contendo valor sentimental (SONTAG, 2004), já que é a perspectiva de quem retrata que está alinhada aquele ato discursivo/imagético.

Mas há diferenças cuja fotografia seria idealmente proposta para a presente pesquisa: o mundo molda o que é visto e muitos só enxergam uma parte, quando se mostra uma realidade que não seja fantasiada e modificada pode assustar e haver críticas sobre o fato capturado, mas dependerá da sua importância para tal situação e que faz alguém olhar e observar algo que mereça ser mostrado, saindo de uma caverna que mostre transparência de imagens de uma realidade que exista e que deve ser vista por todos a olho nu, ou seja, sem um discurso estético moldado e já pronto.

A fotografia foi uma inovação e assustou quando surgiu, mais se tornou um marco todos tem uma há qual olhar para se lembrar de um momento além de estar presente em celulares que está ali perto, entretanto o que será capturado será a diferença ao ser mostrado pois dependerá do que é, se tem uma leveza na imagem ou uma que choca por mostrar algo que não se espera, e, assim a fotografia está aí, para ser retratada a quem estiver disposto a tirar as vendas dos olhos e ter um olhar mais apurado e puro para captar o que sentir que deve, podendo marcar a história pra sempre.

Assim, partimos de três fundamentos específicos para a produção das imagens: a) a perspectiva de quem está sendo fotografado deve ser colocada no centro da tomada de decisões para o resultado dos retratos realizados; b) os símbolos e signos devem partir de quem é fotografado e não quem fotografa; c) a ausência de qualquer recurso de edição para o resultado das fotografias.

CONCLUSÕES

A título de conclusão parcial, a pesquisa desenvolvida até aqui insiste em uma necessidade de uma ótica pela via antropológica e sociológica daquilo que se produz enquanto discurso imagético, enfrentando até mesmo os próprios obstáculos do “fazer” ou “produzir” discurso imagético. A relação indissociável entre o fato, as normas e a produção de sentido do “eu” e da coletividade precisa ir além de entraves meramente técnicos e conceitos para, assim, se for possível, dar espaço à análises



Tudo é Ciência: do Big Bang ao Metaverso

1º Congresso Brasileiro de Ciência
e Saberes Multidisciplinares

mais particulares que retratem de fato as demandas sociais que partem de coletividades tão essenciais à formação brasileira.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o incentivo à pesquisa científica do Centro Universitário de Volta Redonda (UniFOA) e sua mantenedora, a Fundação Osvaldo Aranha (FOA).

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição Federal**, de 5 de outubro de 1988.

BRASIL. **Decreto Executivo no 4887**, de 20 de novembro de 2003. Dispõe sobre o direito das Comunidades Remanescentes Quilombolas.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I, 24 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Origem e histórico do quilombo na África**. Revista USP, n. 28, p. 56-63, 1996.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SCHMITT Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; DE CARVALHO, Maria Celina Pereira. **A atualização do conceito de quilombo**: identidade e território nas definições teóricas. Ambiente & Sociedade. 2002(10): 1-8.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Trad.: Rubens Figueiredo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004.